

A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA EM CORA CORALINA: RELAÇÕES ENTRE O SUJEITO E “AS COISAS DE SUA TERRA”

LUCAS MARTINS GAMA KHALIL¹

ORIENTADOR: PROF. DR. CLEUDEMAR ALVES FERNANDES²

Resumo: A identidade e os processos de subjetivação são temas bastante recorrentes na atualidade, tendo em vista o grande fluxo de identidades e ideologias que interpelam os sujeitos na chamada pós-modernidade. Cora Coralina, poetisa goiana que produziu sua obra no decorrer do século passado, apresenta em sua escrita a constante questão do processo de subjetivação. Na referida obra poética, identidade, sujeito e lugares (físico-sociais e culturais) aparecem fortemente imbricados, por meio da descrição de becos, ruas, igrejas etc. da Cidade de Goiás, antiga capital de Goiás. Desse modo, busca-se compreender, por meio de alguns textos de Cora Coralina, como se dá o processo de identificação entre sujeito e cidade. Como arcabouço teórico, utiliza-se os estudos da Análise do Discurso de linha francesa, sobretudo o que se refere ao sujeito discursivo, pelo viés de Michel Pêcheux e Michel Foucault. Além disso, também se trabalha com as reflexões acerca da identidade presentes nos estudos de Zygmunt Bauman e Stuart Hall.

Palavras-Chave: sujeito, identidade, discurso, cidade, Cora Coralina.

Résumé: L'identité et les modes de subjectivation sont des thèmes très discutés actuellement, en considérant le grand flux d'identités et d'idéologies qui déterminent les sujets dans la post-modernité. Cora Coralina, poétesse qui a produit son œuvre au siècle dernier, présente dans ses écrits la constante question des modes de subjectivation. Dans son œuvre poétique, identité, sujet et places (physiques e culturelles) apparaissent vivement liées, à travers la description de ruelles, rues, églises etc. de la Cidade de Goiás, ancienne capitale de Goiás. Ainsi, cette recherche vise à comprendre, à travers de quelques textes de Cora Coralina, les modes d'identification entre le sujet et la cité. Les sources théoriques de cette recherche sont: l'Analyse du Discours du courant français, à travers Michel Pêcheux et Michel Foucault, et les réflexions sur l'identité présentes dans les travaux de Zygmunt Bauman et Stuart Hall.

Mots-clés: sujet, identité, discours, cité, Cora Coralina.

¹Graduando em Letras - Instituto de Letras e Linguística/Universidade Federal de Uberlândia (lucas_mgk@hotmail.com). Endereço: Rua João Furlaneto, 72. Ap. 102. Bairro Jardim Finotti. Uberlândia-MG. CEP 38408-120.

² Professor do Instituto de Letras e Linguística da UFU (cleudemar@ufu.br). Endereço: Av. João Balbino, 1941. Ap. 403G. Bairro Santa Mônica. Uberlândia-MG. CEP 38408-262.

INTRODUÇÃO

O presente artigo pretende desenvolver reflexões oriundas do projeto de pesquisa intitulado *A construção identitária em Cora Coralina: relações entre o sujeito e “as coisas de sua terra”*, que foi desenvolvido durante o ano de 2009. Concomitante à leitura da bibliografia básica para realizarmos as reflexões propostas para a citada pesquisa, efetuou-se paulatinamente a escolha do *corpus* a ser analisado. Em se tratando da obra literária de Cora Coralina, relativamente extensa, fez-se necessário o recorte de alguns poemas, narrativas e excertos presentes em sua obra.

Cora Coralina tem como uma de suas peculiaridades a intensa atividade de representação de locais que constituem a Cidade de Goiás, antiga capital de Goiás. Nessa interação, o sujeito é interpelado discursivamente pela cidade, espaço de constante construção de sentidos e de identidades.

O arcabouço teórico desse trabalho consiste basicamente nos estudos da Análise do Discurso de linha francesa, principalmente por meio das teorizações de Michel Pêcheux e Michel Foucault. Tendo em vista a questão da identidade, também relacionada com a noção de discurso e bastante focalizada pelo trabalho em questão, buscou-se outras fontes teóricas relacionadas, tal como Zygmunt Bauman e Stuart Hall, dois estudiosos que tematizam a identidade.

MATERIAL E MÉTODOS

Seleção dos textos para a análise

O critério de seleção dos textos que constituíram o *corpus* desse trabalho perpassa substancialmente a questão da relação dos sujeitos discursivos construídos nos textos com as localidades, espaços físicos e culturais, em suma, o “cenário” que é delineado na obra coralineana.

O poema *Mutações*, por exemplo, um dos textos escolhidos, insere na poética coralineana a discussão acerca da nomeação de ruas, praças, becos e demais logradouros. O sujeito constituído no poema questiona-se, por vezes jocosamente, sobre tal prática discursiva, evidenciando o fato de que quando se nomeia algo, sobretudo o que é público, recorre-se a determinadas formações ideológicas/ discursivas e não a outras. Para a Análise do Discurso,

nenhuma manifestação linguística é destituída de ideologia; desse modo, o arcabouço teórico desse trabalho auxilia o aprofundamento das reflexões aqui apresentadas.

A curta narrativa intitulada *No gosto do povo*, presente no livro *Villa Boa de Goyaz*, estende a reflexão introduzida no poema supracitado. Nesse texto, o sujeito faz a exigência de que os nomes de logradouros que constituem sua cidade voltem “aos seus nomes de tradição no gosto do povo” (CORALINA, 2003, p. 75). No nível discursivo, diversos temas e questionamentos surgem: O que é imposto? O que é popular? O que é tradicional? Foi proposto, em uma das análises do artigo, desenvolver tais discussões, juntamente com o poema *Mutações*, com o objetivo de demonstrar a interação discursiva entre sujeito e cidade.

Também do livro *Villa Boa de Goyaz*, o poema *Pedras* insere com mais aproximação, dentro da pesquisa, a temática da memória discursiva, conceito-chave na Análise do Discurso. Tal memória não é individual, mas sim social, ideológica, pertencente a formações discursivas. No poema, o sujeito observa, em uma construção da cidade, resquícios da história do lugar, exaltados em algumas situações e apagados em outras. É dentro dessa perspectiva, analisando a interpelação da memória discursiva nos sujeitos que, no decorrer desse artigo, buscar-se-á refletir sobre tais questões mais detalhadamente.

O último poema escolhido, *Minha cidade*, apresenta uma extensão maior em relação aos outros textos e foi selecionado por representar a relação sujeito/cidade de forma bastante desenvolvida. Nele, o sujeito descreve a cidade e, ao mesmo tempo, constitui-se discursivamente, isto é, a apreensão linguística da cidade torna-se também a apresentação de parcela da identidade de um sujeito que exercita uma escrita de si, tentando conhecer-se.

Constituição teórica da pesquisa

As leituras de *Semântica e Discurso*, de Michel Pêcheux, e *Arqueologia do saber*, de Michel Foucault foram fundamentais para a nossa discussão. Ambos os textos fundamentam diversos aspectos dos estudos discursivos. *Semântica e Discurso* contribui como uma das principais fontes para a fundamentação teórico-metodológica adotada. Nessa obra, encontramos, por exemplo, o aprofundamento da noção de sujeito discursivo, que se diferencia do indivíduo empírico, constituindo-se como uma instância social, histórica e discursiva. Para o presente artigo, tal noção torna-se essencial, pois o sujeito inserido na relação discursiva entre sujeito e cidade não pode ser entendido como indivíduo particular, mas sim como uma construção coletiva, perpassada por diversas identidades que também não se constituem individualmente. Além disso, Pêcheux aborda a questão da não neutralidade

dos discursos, aspecto que direciona a pesquisa para uma perspectiva de análise que considera as condições de produção dos discursos, as posições discursivas dos sujeitos, o acontecimento linguístico, dentre outros. Já em *Arqueologia do Saber*, Michel Foucault apresenta outro aspecto bastante importante para o presente trabalho: a compreensão da função da exterioridade sobre a constituição dos discursos e dos sujeitos. As manifestações linguísticas, por meio das quais podemos estudar o discurso, não se constituem, segundo tal perspectiva, de sentidos imanentes, isto é, a exterioridade, a condição sócio-histórica de produção discursiva, determina substancialmente os efeitos de sentido que são produzidos pela linguagem. Pensando especificamente a relação entre sujeito discursivo e cidade na poética coralínea, observa-se que, ao analisar, por exemplo, a nomeação dos logradouros no poema *Mutações*, recorre-se conseqüentemente às questões discursivas que giram em torno da escolha ou não de um nome para uma praça, uma rua, um beco etc.; salienta-se ainda que uma das perguntas básicas de Foucault em *Arqueologia do Saber* é justamente o porquê do aparecimento de um enunciado e não outro em seu lugar.

A escrita de si e *O que é um autor*, ambos de Michel Foucault, são alguns dos importantes textos que ajudam a sustentar teoricamente o trabalho. A poética de Cora Coralina, conforme será evidenciado nas análises do *corpus*, é marcada pela forte recorrência do escrever sobre si, tanto que frequentemente sua obra é denominada autobiográfica. No entanto, o ser sobre o qual sua obra fala, no sentido discursivo, não pode ser reduzido à figura individual de uma pessoa, no caso Cora Coralina, mas sim concebido como uma instância produtora de discursos, instância essa que se constitui coletivamente, agregando formações ideológicas e discursivas que não tem como centro um indivíduo específico. Essa discussão está presente em *O que é um autor*, texto no qual Foucault conceitua função-autor, aproximando a noção de autor e a noção de sujeito discursivo e, conseqüentemente, distanciando autor (como instância discursiva) de indivíduo empírico. Para Foucault (2001), não se pode falar simplesmente em morte do autor, mas estudar o espaço que foi “deixado” pela morte do autor, isto é, os resquícios discursivos que o constituem. O escrever sobre si é ainda tematizado em *A escrita de si*; nesse texto, Foucault (2006), concebe o escrever sobre si como um ato de conhecer-se, não sendo apenas simples depósito de memória e sim uma prática de constituição subjetiva, na medida em que o sujeito participa de um exercício de treino de si mesmo, constituindo identidades e mostrando-se face à identidade do outro.

Tendo em vista que o artigo objetiva analisar, por meio da relação discursiva entre sujeito e cidade, a constituição identitária do sujeito, compreende-se que a relação entre os

estudos específicos da Análise do Discurso e os estudos sobre identidade é pertinente e importante para o desenvolvimento das reflexões.

Os estudos de Zygmunt Bauman acerca da identidade foram considerados por meio das leituras de *Identidade*, que consiste em uma entrevista com o autor, e *Modernidade Líquida*, livro no qual Bauman expõe sua teoria sobre a “liquidez” das identidades e das relações sociais. Em *Identidade*, Bauman (2005), explica que, em um mundo cada vez mais repleto de diversidade cultural, os indivíduos sentem a necessidade de se “arrebanharem”, encaixando-se em grupos identitários. Tais identidades gradativamente tornam-se ainda mais líquidas, isto é, não conseguem manter uma solidez duradoura, esfacelando-se e sendo substituídas e/ou ressignificadas com o tempo. Com relação aos estudos da Análise do Discurso, pode-se fazer um paralelo com a noção de heterogeneidade, na medida em que o sujeito discursivo apresenta-se agregado, ao mesmo tempo, a muitas formações discursivas, que não são nem “eternas” nem únicas. Em se falando de construção identitária na obra de Cora Coralina, não se pode esquecer tais reflexões, já que, com a leitura dos textos selecionados para o *corpus*, contemplamos uma série de posições discursivas nas quais os sujeitos apresentam-se e constituem suas identidades.

Ainda em se falando de formação de identidade, utilizou-se a obra *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*, livro que reúne três artigos, um de Kathryn Woodward, um de Tomaz Tadeu da Silva e um de Stuart Hall. Nela, os autores concebem a constituição da identidade como forma de marcar um lugar com relação ao outro, isto é, ao mesmo tempo em que a identidade suscita certa coletividade, ela registra diferenças. A identidade, segundo Silva (2000), é aquilo que se é e aquilo que não se é; ele ainda lembra que elas, as identidades, são produzidas discursivamente e materializadas linguisticamente. É visível a proximidade desses estudos com o horizonte teórico da Análise do Discurso quando observamos, por exemplo, as reflexões sobre alteridade e sobre materialidade linguística. A questão da materialidade linguística, necessária para a produção de discursos, é ainda reforçada por Stuart Hall, em *Da diáspora*, quando os estudos de Bakhtin são citados: o signo ganha sentido em relação às tensões da “luta” social, isto é, materialidade linguística e exterioridade (social, histórica e discursiva) mantêm uma íntima relação de complementaridade e de mútua interpelação. Tais discussões são essenciais para o esclarecimento teórico da pesquisa; vale salientar que, ao estudar o discurso, trabalha-se com a mediação linguística, ou seja, as identidades e discursos são desvelados pela linguagem; é por meio do concreto contato com os poemas e demais textos de Cora Coralina que podemos apreender aspectos referentes aos sujeitos discursivos constituídos neles.

O escrever sobre si, juntamente com o conhecimento de si e o cuidado de si, são temas recorrentes em se falando da obra coralineana. É por isso que, além das leituras acerca do tema já citadas, sobretudo *A escrita de si*, desenvolvemos também a leitura de mais textos de Michel Foucault que auxiliam tal discussão. Um deles chama-se *As técnicas de si* e, segundo o próprio autor, tem como um dos objetivos “esboçar uma história das diferentes maneiras nas quais os homens, em nossa cultura, elaboram um saber sobre eles mesmos” (2009). Em se falando de uma escrita autobiográfica, como ocorre em grande parte da poética coralineana, a constituição de um saber sobre si é um aspecto fundamental, sobretudo quando se trata de questões ligadas à constituição de identidades. O conhecimento de si também é uma maneira de o sujeito constituir-se, inserir-se em determinadas formações discursivas e identitárias. Considerando os volumes 2 e 3 da *História da Sexualidade* de Foucault, observou-se com ainda mais proximidade o fato de os sujeitos elaborarem técnicas de conhecimento e cuidado de si (no caso específico do livro, tem-se a elaboração acerca de saberes sobre as práticas sexuais, que perpassam, dentre outras coisas, o domínio de si e as formas de temperança ou intemperança sexual). É de extrema importância para o trabalho em questão a apreciação dessas questões, tendo em vista que a constituição de identidade também é, em alguns de seus aspectos, uma prática de si, na qual o sujeito torna-se não um mero espectador e receptor de discursos, mas um agente discursivo que exerce uma intensa atividade na produção de saberes.

DISCUSSÃO

Minha cidade: entrecruzamentos entre sujeito, cidade e identidade

O tema identidade é algo que vem gerando cada vez mais debates na atualidade. O conhecer-se a si mesmo, o diferenciar-se do outro e o identificar-se com o outro são elementos que fazem parte das inquietações, mesmo que por vezes inconscientes, dos sujeitos na pós-modernidade. Segundo Bauman (2005), a ânsia por uma identidade provém, principalmente, da necessidade de o sujeito se sentir seguro, acolhido por determinado grupo e compartilhando discursos afins.

A pergunta “quem somos nós?”, no entanto, não é totalmente nova. As atuais preocupações com a identidade servem, desse modo, para atualizar essa questão já recorrente nas discussões filosóficas, ontológicas. Uma questão que aparece significativamente na constituição identitária do sujeito pós-moderno é o fator local, nacional (em uma esfera mais

ampla), isto é, o pertencer a determinado espaço (físico, cultural e, notadamente, discursivo). Salienta-se, dessa forma, que muito da resposta de “quem sou?” perpassa a indagação “de onde sou?”.

É nesse cenário que a poética de Cora Coralina se apresenta como uma fonte discursiva bastante ampla para a discussão da identidade. Muitos de seus poemas, confessadamente autobiográficos, têm como temática principal a relação entre as construções subjetivas e a Cidade de Goiás, antiga Villa Boa de Goyaz, capital do estado de Goiás até meados do século XX.

Pode-se dizer que o poema *Minha cidade* “representa” grande parte da poética coralineana por sintetizar a relação identitária entre sujeito e cidade na obra da poetisa goiana. Nele, a intensidade dessa relação materializa-se linguisticamente e observa-se, como significativa marca discursiva, a própria fusão entre o sujeito e a cidade.

Goiás, minha cidade...
Eu sou aquela amorosa
 de tuas ruas estreitas [...]

Eu sou estas casas
 encostadas
 cochichando umas com as outras.
 (grifos nossos; CORALINA, 2004, p. 37-38)

Além de o sujeito desejar tal entrecruzamento como forma de transparecer sua identidade, a cidade, enquanto local de difusão de discursos, interpela o sujeito ideologicamente. Concebemos a cidade como espaço cuja produção, circulação e recepção de discursos são realizadas de forma bastante intensa. O sujeito relaciona-se com os signos presentes no espaço físico da cidade, com os signos que outros sujeitos produzem etc. Esses signos remetem à materialização de determinadas concepções culturais, a determinados valores e discursos.

O mesmo processo linguístico observado nas estrofes supracitadas continua ocorrendo no decorrer do poema:

“Eu sou aquele teu velho muro”
 “Eu sou a dureza desses morros”
 (CORALINA, 2004, p. 37-38)

Vê-se que a linguagem predominantemente poética permite, além da fusão sujeito-cidade, a aproximação de elementos comuns na constituição destes, expressos por meio de adjetivos ou palavras que suscitem caracterização qualitativa.

Para que a proposta do artigo seja contemplada, no entanto, não basta apenas fazer referências ao modo como a escritora trabalha a linguagem poeticamente. É fundamental que se estude de que modo essa aproximação linguística constitui discursivamente o sujeito. Desse modo, os recortes do poema apresentados até aqui dão pistas de como ocorre tal processo de subjetivação. Sujeito e cidade, expostos em planos equivalentes, dentro do poema, compartilham características análogas.

Em outras palavras, os signos que compõem tais enunciados, sobretudo as palavras que dão ideia de qualidade ou nomes que trazem uma carga semântica bastante ampla, não foram produzidos apenas para “descrever a cidade”, mas também para constituir buscas identitárias bastante relacionadas com o sujeito. A seguir, apresentar-se-ão três exemplificações mais específicas, divididas por temáticas, as quais serão sustentadas com a análise de outros recortes do poema em análise:

1) Pobreza (em geral, mas notadamente material): “Eu sou a ramada/ dessas árvores,/ sem nome e sem valia,/ sem flores e sem frutos” grifos nossos (CORALINA, 2004, p. 38). Essa é uma característica que perpassa tanto a cidade (após o declínio da mineração - século XIX; e a conseqüente desvalorização da Cidade de Goiás no âmbito estadual) quanto uma determinada posição social do sujeito, fortemente marcada pelo enunciado. A insistente repetição da preposição *sem*, suscitando a ideia de destituição, exclusão social, já oferece traços significativos para que se comece a estudar o conjunto de identidades formulado nesse poema coralineano.

2) Decadência/ Resistência: “Eu sou o caule/ dessas trepadeiras sem classe,/ nascidas nas frinchas das pedras./ Bravias./ Renitentes./ Indomáveis./ Cortadas./ Maltratadas./ Pisadas./ E renascendo” (CORALINA, 2004, p. 38). Observa-se, inicialmente, que as circunstâncias sócio-históricas participam intensamente da produção discursiva (vale salientar o esgotamento do ouro na Cidade de Goiás em meados do século XIX). Assim, na obra de Cora Coralina, percebe-se, em muitos excertos, o tom decadente em se referindo à Cidade de Goiás. A partir do enunciado destacado, o posicionamento do sujeito, equivalendo ao caule das trepadeiras (constituente do espaço da cidade) desvela outro indício dessa identidade em construção: a natureza sofrida e, ao mesmo tempo, resistente dessa produção subjetiva, fato que pode ser observado por meio de alguns pares lexicais utilizados: maltratadas/ renitentes; pisadas/ bravias; etc.

3) Dureza/ Rusticidade/ Simplicidade: “Eu sou a dureza desses morros,/ revestidos,/ enflorados,/ lascados a machado,/ lanhados, lacerados./ Queimados pelo fogo./ Pastados./ Calcinados/ e renascidos” (CORALINA, 2004, p. 39). Nesse trecho, em vez de o sujeito relacionar-se diretamente com o espaço físico (morros), relaciona-se com a qualidade atribuída a tal espaço (dureza), o que evidencia a importância da constituição espacial na formação da identidade.

Os entrecruzamentos apontados até aqui são também perceptíveis, um pouco mais sutilmente, em: “Eu sou aquela mulher/ que ficou velha/ esquecida/ nos teus larguinhos e nos teus becos tristes” (CORALINA, 2004, p. 37). Nesse excerto, pode-se perceber a utilização da forma adjetival “tristes” referindo-se a entidades que são, a priori, inanimadas: os becos. A utilização da linguagem poética permite que uma característica subjetiva transcenda linguisticamente ao sujeito e se expanda pelo espaço físico ao seu redor. Em outras palavras, tem-se, no primeiro momento, a identidade da construção subjetiva perpassada pelas palavras “mulher”, “velha” e “esquecida”; e, depois, a descrição do espaço como reminiscência de tal situação (“tristes”).

Compreende-se, de acordo com o último exemplo, que a relação de interpelação entre sujeito e cidade não é unilateral, isto é, não é apenas a cidade que interpela o sujeito enquanto construção de identidade, mas também o sujeito altera a construção imaginária da cidade, o que explicita a figura de um sujeito não completamente assujeitado, mas que age na produção e circulação de discursos.

O final da penúltima estrofe do poema sintetiza, dentro da obra em análise, o bastante ressaltado cruzamento entre sujeito e cidade:

Minha vida,
Meus sentidos,
Minha estética,
Todas as vibrações
De minha sensibilidade de mulher,
Têm, aqui, suas raízes.
(grifo nosso, CORALINA, 2004, p. 39)

As raízes de tudo o que constitui o sujeito do poema perpassam, como se observa, o advérbio de lugar “aqui”, que funciona como um dêitico espacial, suscitando uma referência extralinguística, no caso, ao espaço. A cidade constitui tanto o sujeito empírico (“vida”, “sentidos”), quanto o sujeito discursivo (“estética”, “posições sociais - de mulher, por exemplo”) - o segundo de interesse específico da Análise do Discurso.

A ideologia materializada na cidade: análise do poema *Mutações*

Nas cidades, a constituição do sujeito é “rodeada” por diversos tipos de signos que o constituem, na maioria das vezes, despercebidamente. Bandeiras, hinos e símbolos nacionais são alguns exemplos de materialidades que dão suporte a ideologias e discursos. Sendo assim, não se pode conceber a cidade como espaço neutro, exterior às ideologias, politicamente estéril. O poema *Mutações* retrata justamente a cidade como “mediadora” de discursos. Nele, o sujeito questiona-se acerca do porquê de tanta mudança de nome nos logradouros da cidade, chegando a relacionar, às vezes jocosamente, o estado real dos logradouros com os nomes que lhe são atribuídos:

Muita rua da cidade
mudou de nome.
Ritintin - mudou de nome.
Chafariz - mudou de nome.
Rua Nova - mudou de nome.
Detraz da Abadia também.
Beco virou travessa.
Outras, nem nome têm.
Rua do Fogo se apagou,
nas vielas não se toca.
Beco da Morte é pecado.
Do Cotovelo é suspeito.
Rua Joaquim Rodrigues
virou 13 de maio,
passou pra Joaquim de Bastos.
Não sei onde vai parar
tanta mudança de nome.

Mudar nome de rua é fácil.
Mudar jeito de rua, não.
Dar calçamento e limpeza
é coisa muito impossível.

Só não mudou nome em Goiás
o Beco da Vila Rica.
Por ser muito pobre e sujo
contrário lhe assenta o nome.
Se há de ser beco do sujo pobre
seja mesmo da Vila Rica
com toda sua pobreza.
(CORALINA, 2003, p. 19-21)

O fio condutor do poema, como se pôde observar, é a reflexão do sujeito acerca de ações de outrem (mudar o nome de logradouros), ações que incidem discursivamente sobre os próprios sujeitos discursivos. É por isso que se salienta a importância de se analisar a cidade

discursivamente, na medida em que, por meio de suas materialidades, ela propaga ideologias e identidades.

Sabe-se que a ação descrita no poema, nomeação ou mudança de nome dos logradouros, não se realiza naturalmente. Ela é, sobretudo, uma ação político-ideológica. Nesse sentido, nega-se a arbitrariedade desse tipo de escolha. Tais signos homônimos (que indicam nomes de logradouros), enquanto materialidades discursivas, situam-se no nível da não-neutralidade. Sobre esse aspecto peculiar do discurso, Pêcheux (1997) afirma que a neutralidade ideológica é um mito, em se tratando de qualquer tipo de discurso (mesmo os que se propõem científicos). Em outras palavras, os enunciados não se constroem a partir de um “grau zero” discursivo; os sujeitos que deles se apropriam ocupam determinadas posições socioideológicas, enunciando de diferentes posições discursivas nos mais variados contextos enunciativos. É tal explicitação que o presente tópico objetiva realizar, não deixando de observar que os sujeitos são interpelados por esses discursos, como se discutirá no decorrer da análise desse poema coralineano.

“Como apareceu um enunciado e não outro em seu lugar”, uma das indagações que ressoam na *Arqueologia do Saber*, de Foucault (2000), também é uma das principais inquietações que sustentam o presente estudo; tanto como a questão “de que modo o sempre-já-aí (PÊCHEUX, 1997) da interpelação discursiva afeta o sujeito”, também essencial por abranger, dentre outros fatores, a relação entre sujeito e cidade. Do mesmo modo que a cidade e os signos que a constituem não “escapam” à ideologia, os sujeitos que com ela se identificam não se isentam das práticas discursivas, tornando-se não apenas fins, mas meios de difusão de ideologias.

Iniciando a análise do poema pela segunda estrofe, constata-se um paradigma bastante significativo para a questão proposta: “Mudar nome de rua é fácil/ mudar jeito de rua, não” (CORALINA, 2003, p. 19). Nome e jeito contrapõem-se na medida em que o segundo parece apontar, quanto ao valor, para certa “essência”. O nome, por sua vez, aparenta, no poema, ser um “desvio” que não consegue, por si só, afetar tal essência imaginada. O citado paradigma institui na presente discussão o valor da língua enquanto jogo argumentativo. A verdade, a essência, são fatores que se tornam relativos enquanto constituintes de um emaranhado discursivo. Isso não quer dizer que a nomeação dos logradouros consista em mera “mentira” ou em algo irrelevante, mas sim que a escolha de determinados nomes e não de outros acarreta em uma posição de verdade, por parte, na maioria das vezes (nesses casos), da ideologia dominante, representada, em uma de suas facetas, pelos aparelhos e órgãos da administração de uma cidade, estado ou país.

As vontades de verdade também adentram ao jogo argumentativo da língua de modo a contemplar a heterogeneidade. Os discursos se relacionam entre si como complementares, contraditórios, similares, etc; e, desse modo, fazem com que o sujeito se depare com diversas verdades e crenças coexistentes. No poema, a rua denominada “Ritintin” representa um nome, muito provavelmente popular, que veio a ser preterido por alguma re-nomeação, advinda de outra esfera, possivelmente da gestão política da cidade. Isso significa que as vulgarizações, mesmo coexistindo com a nomeação institucionalizada, aparentemente mais forte, conseguem estabelecer-se em posições que comportam determinada ideologia em relação à realidade.

Logradouros com nomes gigantesco, extraídos, na maioria das vezes, da História “Oficial” de dada cultura, são denominados popularmente por números (por exemplo, *Rua 17*), apelidos (por exemplo, *Minhocão*, via existente em São Paulo) e mesmo simplificações (por exemplo, *Praça do coronel* [...], cujo nome pessoal que determina o logradouro é abandonado). Isso demonstra um aspecto essencial para os estudos atuais acerca do discurso e da identidade: a negação do total assujeitamento; isto é, o sujeito tem a possibilidade de se colocar, pelo menos esporadicamente, em posições de resistência em relação às ideologias dominantes de determinado contexto sociocultural.

A contraposição entre o “nome” e o “jeito” da rua/ do logradouro é regida, dessa forma, pela questão do poder. As relações de poder, tal como se pode observar, não são unidirecionais, isto é, elas não se dão apenas no sentido ideologias dominantes - ideologias dominadas. O poder é algo mais complexo do que a mera dominação; ele acontece não do “centro” para a “periferia”, mas por movimentos recíprocos. Desse modo, o popular, no caso da hodonímia, pode confrontar-se discursivamente com o oficial, tendo a possibilidade até mesmo de sobrepô-lo em diversos contextos.

Hall (2008) reafirma tal descentralização de poder. No entanto, ele ressalta que o Estado/ Governo (a instituição que “representa” oficialmente os interesses de um povo) não deve ser totalmente abandonado em estudos que circundam ideologia e discurso. Deve-se, sim, desconsiderar a noção de centro-periferia como algo totalmente estável, mas não se esquecendo de que o Estado/ Governo é mediador de uma grande parcela da produção cultural e discursiva em uma sociedade.

Quando se batizam ou se rebatizam as ruas, becos, praças e os demais logradouros, o Estado (na maioria das vezes, o agente de tal situação) tem como objetivo consolidar uma determinada versão da História: a suposta História Oficial de uma cidade, nação, continente. Tal fato é facilmente percebido quando se depara com hodônimos que aludem a deputados, prefeitos, artistas e outros, que teriam possivelmente contribuído significativamente para a

formação de determinada locação. Deixa-se claro, no presente artigo, que não se adota a concepção de ideologia como “falsa consciência”. Baseando-se na releitura althusseriana de Marx, concebe-se as ideologias como sistemas de representações, não como “falsas consciências”, o que acarretaria na existência de uma “ideologia verdadeira”. Cada sistema de representação estabelece diversas, e muitas vezes contraditórias, vontades de verdade, explicitando a instabilidade e a relatividade da “verdade” concebida como única. É dentro dessa perspectiva que se pode incluir, na discussão da nomeação hodonímica, o aspecto popular como delineador de importantes sentidos no espaço da cidade.

Não cabe ao analista do discurso, no entanto, definir se são os hodônimos “oficiais” ou os hodônimos “populares” que se aproximam mais da “verdade dos fatos” ou de uma “essência cultural”, mas compreender como tais discursos funcionam na produção identitária dos sujeitos que deles se apropriam. Vale ainda salientar que o popular e o oficial (do Estado) originam-se de constantes entrecruzamentos. Mesmo o popular, cuja etimologia perpassa a forma genitiva do latim *populi* (do povo), é um termo sobre o qual não se deve se iludir no sentido de afirmar sua completa autenticidade ou autonomia, já que nada impede que o Estado também “participe” da seleção do que é popular (“do povo”) e do que não é popular.

É justamente tal embate argumentativo que molda alguns dos importantes efeitos de sentido dentro do poema *Mutações*. Cora Coralina capta o jogo de nomeações e re-nomeações hodonímicas de forma bastante questionadora e, ao mesmo tempo, irônica: “Não sei onde vai parar/ tanta mudança de nome”. Esse é um dos possíveis questionamentos dos sujeitos diante de tal tipo de inscrição cidadina. Por vezes, encara-se, sobretudo a partir de uma visualização rápida e passageira, os nomes de logradouros como fatores que não influenciam em nada a cultura de um povo, esquecendo-se de que os sujeitos são fortemente interpelados pelo espaço físico-cultural a sua volta. Dessa forma, as reflexões que estão sendo desenvolvidas são de fundamental importância para que se entenda a(s) identidade(s) dos sujeitos dentro de uma cultura.

Abaixo, destaca-se um dos trechos do poema que mais explicitam a mutabilidade e a maleabilidade ideológica de nomes de logradouros:

Rua Joaquim Rodrigues
virou 13 de maio,
passou pra Joaquim de Bastos.
(CORALINA, 2003, p. 19)

Nele, observa-se a utilização de duas modalidades de nomes que caracterizam significativamente a nomeação hodonímica: nome de pessoas (personalidades políticas,

artísticas etc.) e datas (relativas a eventos históricos considerados importantes). Tais nomes sobrepõem-se no poema, deixando transparecer que os dados históricos tornam-se mais ou menos importantes dentro de um determinado contexto e não de outro, julgados por uma formação ideológica e não por outra. Essa mudança de postura em relação à História, fazendo com que o passado constitua o presente, revela-se no nível discursivo, linguisticamente materializado em placas nas cidades.

O jeito “tradicional” de fazer História é justamente aquele cuja metodologia consiste em se extrair dos acontecimentos históricos nomes e datas que constituem um parcial conhecimento sobre os fatos. É comum encontrarmos na prática escolar, por exemplo, a crença de que se “aprende” a disciplina História decorando-se acontecimentos “importantes” (ocasiões, datas) que marcam a História de um povo, juntamente com o nome das personalidades que deles participaram. Embora as discussões levantadas pela Nova História, que relativizou o caráter “oficial” das Histórias tradicionais (buscando o fato histórico também pela análise de objetos considerados, em princípio, pequenos ou desimportantes), tenham sido inseridas no meio acadêmico, observa-se que, no caso da nomeação hodonímica, a relação sujeito-História constrói-se nos moldes da História Tradicional, que oficializa uma versão dos fatos, incluindo-a ao “repertório” discursivo das construções-sujeito cidadinas.

A relação entre sujeito e cidade é muitas vezes delineada pela mesma inquietação do sujeito constituído no poema *Mutações*; ou seja, ao se encarar os nomes de logradouros, tem-se a impressão, em um primeiro momento, de não se saber o porquê ou a proveniência de tais práticas discursivas, mesmo sendo os sujeitos interpelados por elas. No entanto, o sujeito pode adquirir uma postura de resistência, como no caso do poema em análise. Isso ocorre a partir da segunda estrofe, na qual o poema direciona-se para uma reflexão já citada nesse artigo: o paralelo entre o nome da rua e o jeito da rua, isto é, o que aparenta insinuar uma relação entre situação “real” da rua e o seu suposto “mascaramento” diante da nomeação:

Mudar nome de rua é fácil.
Mudar jeito de rua, não.
Dar calçamento e limpeza
é coisa muito impossível.
(CORALINA, 2003, p. 19)

A postura crítica do poema alia-se com a ideia de relatividade/ instabilidade da verdade, na medida em que explicita a discrepância entre a nomeação do logradouro e sua situação enquanto espaço físico. A língua é, em seu nível discursivo, também uma rede argumentativa, isto é, seu caráter apresentativo ou representativo da “realidade” passa pelos

crivos da ideologia e do discurso; os sujeitos adquirem posições do dizer que são, portanto, imparciais e relativas. Como já se discutiu, tais fatores não se encerram em posições discursivas falsas ou verdadeiras, mas em posições diversas e heterogêneas quanto aos seus valores. A última estrofe do poema ainda salienta, de forma irônica e antitética, a contrariedade entre a situação e o nome de um logradouro em específico: o Beco de Vila Rica. Sujeira e pobreza, como ressalta o poema, são as características de um beco de uma vila que apresenta, em sua nomenclatura, o lexema “rica”.

As discussões acerca da contraposição entre nome e situação de lugares incrementam a complexa questão da representação. Pôde-se observar que a nomeação hodonímica ultrapassa a relação unilateral entre signo e “referência”. Desconstruída a noção de referência absoluta, os signos e os efeitos de sentido se constroem de forma peculiar a depender dos contextos social, político e ideológico. E o sujeito, por sua vez, não se isenta de interpelações discursivas, apreendendo, aceitando ou questionando os signos que estão ao seu redor.

Intervenção do sujeito coralineano na “arquitetura ideológica” da Cidade de Goiás

Explicitada a forte questão ideológica presente nos signos que compõem o espaço da cidade, outro texto, também do livro *Villa Boa de Goyaz* (assim como *Mutações*), reforça mais diretamente, agora em prosa, a posição crítica do sujeito em relação à hodonímia. O texto chama-se *No gosto do povo* e disserta sobre a “arquitetura ideológica” da Cidade de Goiás, isto é, o conjunto de aspectos ideológicos materializados linguisticamente no espaço da cidade (inscrições cidadinas em geral e, sobretudo, placas de logradouros).

Primeiramente, ressalta-se que a construção subjetiva do texto em questão posiciona-se discursivamente como uma representante dos desejos do povo, especificamente a população da Cidade de Goiás, fato já suscitado no título e fortalecido no decorrer do texto. Vale lembrar que o sujeito, para a Análise do Discurso, constitui-se coletivamente, sendo, desse modo, uma instância social e ideológica, não individual. Assim, pode-se afirmar que o sujeito construído em *No gosto do povo* representa uma determinada posição discursiva, que, no caso, apresenta uma perspectiva saudosista com relação aos nomes de ruas, becos e demais logradouros da Cidade de Goiás:

Lembraria aqui a sábia conveniência de voltarem ruas e largos a sua antiga denominação tão original e saborosa. Para exemplo temos o Larginho do

Retemtem, marcado numa placa azul, pretensiosamente - Praça Pinheiro Machado. Também aos becos faltam placas com os devidos nomes, enquanto que por um malabarismo verbal viram travessa como se a palavra beco tivesse conotação menos gramatical e honesta. (CORALINA, 2003, p. 74).

Vê-se que o sujeito dos enunciados acima expostos clama pela volta dos nomes tradicionais (“denominação original”, como transcrito no excerto) aos lugares da Cidade de Goiás, pois isso representaria um suposto desejo popular unânime. Os nomes artificiais e pretensiosos, na perspectiva dessa construção subjetiva, não “representariam” os lugares da cidade de forma adequada. O que se observa nessa oscilação de nomes e palavras é um jogo discursivo no qual entram em embate perspectivas ideológicas divergentes e, muitas vezes, contraditórias. Os interesses envolvidos partem de posições discursivas diferentes e propõem às construções subjetivas uma ou outra relação de identificação com a cidade, como observado na abordagem do poema *Mutações*.

Em uma posição ainda mais radical com relação à nomeação hodonímica da Cidade de Goiás, o sujeito constituído no texto *No gosto do povo* propõe inclusive a mudança da grafia do nome da cidade em questão:

Assim, proponho como reverência do passado que nesta cidade de Goiás seja emanado de quem de direito um decreto a favor do nome Goiás ser ajustado à cidade na sua grafia antiga de Goyaz com Y e com Z e mais que o beco volte a ser beco na placa indicativa e largo deixe de ser praça e volte aos seus nomes de tradição no gosto do povo. (CORALINA, 2003, p. 74-75).

No trecho acima exposto, observa-se ainda com mais clareza uma posição de resistência que se materializa discursivamente na linguagem e que ainda propõe manter-se de forma duradoura no próprio nome da cidade (Goyaz Velho). Evidencia-se que os discursos e os efeitos de sentido, para efetivarem-se concretamente, necessitam de materialidades. Desse modo, o estudo das identidades, pelo viés da Análise do Discurso, precisa ser perpassado constantemente por questões linguísticas, desveladas junto às análises das funções enunciativas.

Essa postura de resistência do sujeito em relação a determinadas ideologias constitui outro aspecto relevante na heterogênea construção identitária desse(s) sujeito(s) presente(s) na obra de Cora Coralina, mesmo que parcialmente (afinal, o estudioso do discurso não trabalha com resultados exatos e rigorosamente fechados, mas com materialidades linguísticas que suscitam determinados efeitos de sentido). Com relação à hodonímia, pôde-se apreender que o

modo como os sujeitos relacionam-se com a cidade não é único e homogêneo, mas se desenvolve de acordo com as filiações ideológicas desses sujeitos, que, a partir de determinadas posições do dizer, “escrevem” e “reescrevem” o espaço da cidade.

Memória discursiva e materialidades do sentido no poema *Pedras*

Até o presente momento, muito se expôs sobre sujeitos discursivos que se constituem coletivamente, socialmente. Tal constituição é perpassada por outro elemento não menos importante para este trabalho: a memória discursiva, conceito que, para a Análise do Discurso, não significa a memória individual de indivíduos empíricos, mas: “trata-se de acontecimentos exteriores e anteriores ao texto, e de uma interdiscursividade, refletindo materialidades que intervêm na sua construção” (FERNANDES, 2005, p. 45-46). A memória discursiva é, portanto, uma memória coletiva, que suscita aspectos sociais, históricos e ideológicos, agindo significativamente na produção dos sentidos possíveis a partir de um texto, ou de dada materialidade linguística.

O *corpus* até então analisado nesse artigo, tendo em vista sua focalização, é claramente perpassado pela noção de memória discursiva. Escolheu-se aprofundar tal noção apenas durante a análise do poema *Pedras*, a seguir, pelo fato de ele desvelar mais especificamente, na relação sujeito/ cidade, uma discussão sobre a historicidade dos discursos por meio das materialidades “recortadas” pelo sujeito em questão. A materialidade linguística, vale sempre ressaltar, é essencial para que um estudo discursivo consiga explicitar alguns efeitos de sentido produzidos nos e pelos textos.

Os enunciados, segundo Foucault (2000), não se constituem de forma isolada, mas sim dentro de uma rede enunciativa; isto é, para que os sentidos sejam construídos, um enunciado relaciona-se com outros enunciados, que são anteriores ao primeiro e podem contradizê-lo, complementá-lo, embasá-lo etc. É nessa rede enunciativa/ discursiva que apreendemos a ação da memória discursiva. De acordo com determinados *a priori* discursivos, determinadas concepções anteriores à produção enunciativa, os sujeitos assumem certas posições discursivas que os levarão a produzir um e não outro discurso, a inferir um e não outro sentido em relação a algum texto ou alguma situação.

Em *Pedras*, o sujeito assevera que a cidade, em seus signos e em suas construções, suscita algo que é historicamente marcado: “As pedras imóveis me enviam/ uma benção ancestral” (CORALINA, 2001, p. 93). Desse modo, o sujeito tenta delinear, a partir de uma aproximação afetiva com a cidade, alguns aspectos dessa memória social e coletiva. Nesse

processo, o sujeito construído no texto posiciona-se ideologicamente com relação aos discursos que rodeiam, sobretudo, as construções da Cidade de Goiás.

A pedra, elemento principal do poema, suscita diversas questões, como por exemplo, a resistência de aspectos marcados na memória discursiva em relação à “liquidez” do tempo. Além disso, a pedra, como elemento rígido e de demorada decomposição, ainda pode representar a importância das materialidades nas construções dos sentidos. Em ensaio sobre a tematização da pedra na poética coralínea, Ribeiro (2005, p. 155) comenta que: “a referência frequente às pedras revela como a disposição espacial torna possível a compreensão de nossa posição no mundo, nossa relação com outros seres, o valor de nosso trabalho e daqueles que fazem parte do nosso tempo”. As pedras, representando metonimicamente as construções da cidade, indicam, tendo em vista a relação sujeito/cidade, variados discursos e “cobram” do sujeito, conseqüentemente, determinados posicionamentos ideológicos, determinadas filiações identitárias.

Na terceira estrofe, por exemplo, sugere-se, partir de uma referência histórica, uma discussão significativamente marcada por ideologias em contradição:

Que mãos calejadas
e imensas mãos sofridas de escravos
a teriam posto ali,
para sempre?
(CORALINA, 2001, p. 93)

Observa-se claramente que tais enunciados fazem referência a questões como ideologia e historicidade. O sujeito, com relação à História (e conseqüentemente seus discursos com relação à memória discursiva e ao intradiscorso), pode adquirir distintas posturas. Em uma dessas possibilidades, os sujeitos discursivos “esquecem” certos aspectos históricos (no caso, a participação escrava na construção do país), exprimindo apenas outros aspectos. Vale resgatar, nessa discussão, os nomes de logradouros, discutidos nas análises anteriores: neles, uma versão da História predomina, por ser a de maior prestígio em um determinado contexto, ideologicamente falando. A produção de enunciados pelos sujeitos está, para a Análise do Discurso, relacionada ao que se chama de esquecimento: os sujeitos falam de certa posição discursiva que define a produção de um enunciado e não de outros; esses outros enunciados que são preteridos dão base à noção de esquecimento discursivo (salienta-se que existe também outra forma de esquecimento discursivo, na qual o sujeito, em sua posição do dizer, “esquece-se” de que os discursos por ele produzidos não são originados de si).

O sentido de crítica produzido pelo curto poema de Cora Coralina é construído sutilmente: o sujeito diz aproximar-se da cidade de modo a se comunicar com ela intimamente: “Pedras sagradas da minha cidade,/ nossa íntima comunicação” (CORALINA, 2001, p. 95); e, a partir disso, “desvela” e resgata aspectos por vezes preteridos no que se refere à História da Cidade de Goiás. A interrogação que finaliza a terceira estrofe do poema reforça ainda mais tal efeito de sentido: “para sempre?”. Isto é, a ação dos escravos seria lembrada pela História ou não? Se sim, de que modo seria lembrada?

A explicitação da criticidade do poema dá-se também ao fazermos uma análise intradiscursiva, considerando o(s) sujeito(s) construído(s) ao longo dos textos analisados no artigo. Mesmo anteriormente à análise de *Pedras*, já se havia observado um sujeito que encara a História de forma indagadora e crítica. Isso se concretiza, por exemplo, na interrogação: por que os nomes de ruas são desse jeito e não de outro? Além disso, esse sujeito, que, de certa forma, exprime um saudosismo ao olhar para a cidade, “recorta” elementos que considera importantes para a manutenção do que seria a Cidade de Goiás em sua “essência” (o nome arcaico da cidade, por exemplo). Tais críticas partem, portanto, de uma construção subjetiva que, ao posicionar-se diante da História, questiona os enunciados e as marcas linguísticas que com ela se relacionam.

A discussão que foi desenvolvida até o momento e que partiu de um efeito de sentido produzido pelo poema *Pedras* não é algo considerado isoladamente. O “olhar para a História” é um dos aspectos que fundamentam as orientações discursivas e identitárias dos sujeitos. Nesse caso específico, referindo-se a elementos históricos preteridos pelos discursos e enunciados, evidencia-se a recorrente questão da formação da identidade. A discussão sobre o negro, cuja importância é geralmente reduzida pela “História Oficial”, na sociedade brasileira, reapresenta-se e ressignifica-se ao longo de toda uma rede enunciativa. Podemos perceber tal entrecruzamento discursivo na seguinte produção contemporânea (trecho do *rap* intitulado *Negro Drama*, do grupo Racionais MC’s), por exemplo:

Histórias, registros,
Escritos,
Não é conto,
Nem fábula,
Lenda ou mito,
Não foi sempre dito,
Que preto não tem vez,
Então olha o castelo e não,
Foi você quem fez...

Pôde-se observar, tendo em vista o excerto acima, que os enunciados não se constituem univocamente, mas são retomados ao longo do tempo, causando (ou não, dependendo das condições de produção) similares efeitos de sentido. Visualiza-se, desse modo, a relativa repetibilidade dos enunciados, ao contrário das enunciações (ligadas ao acontecimento discursivo em si), que nunca se “repetem”. Em outras palavras, citando o exemplo em questão, as condições de produção dos dois textos são diferentes, mas seus enunciados convergem e acumulam-se na rede discursiva.

O poema *Pedras* apresenta, portanto, outro “recorte” desse sujeito em construção dentro da obra coralineana, constituído em íntima relação com a cidade. O caráter saudosista, já observado em outros textos, faz-se presente no poema analisado. O “culto” ao passado, no entanto, não deve ser tomado como algo aleatório, visto que ele fundamenta-se ideologicamente; isto é, o sujeito, ao contemplar o passado, lida com certos aspectos (e não outros) que considera relevantes para a construção de sua identidade na relação com a cidade. A presença da figura do oprimido, elemento recorrente na obra de Cora Coralina, é um dos aspectos que fazem parte dessa postura ideológica do sujeito na constituição de seus enunciados.

Considerações finais

As análises presentes neste artigo propuseram um estudo sobre a constituição do sujeito na obra de Cora Coralina, focalizando, sobretudo, a relação sujeito – cidade. Observou-se, no entanto, um conjunto de recortes que direcionam a constituição desse sujeito para múltiplas identidades, múltiplas filiações ideológicas e discursivas. Assim sendo, em vez de se falar em “um sujeito discursivo da obra de Cora Coralina”, pode-se falar em várias construções subjetivas, já que a pesquisa do analista do discurso não consegue (e nem é seu objetivo) apreender o sujeito em sua totalidade, mas as relações discursivas que são implicadas nele e por ele na produção enunciativa. Mesmo usando o singular “sujeito discursivo”, deve-se considerar seu caráter heterogêneo, levando em conta suas diversas, e por vezes transitórias, identidades.

A partir dessas considerações, pode-se dizer que, em cada um dos quatro textos analisados, as construções subjetivas convergem em alguns pontos e apresentam, em outros, aspectos complementares e até mesmo completamente diferentes. As identidades são, por um lado, afirmação e, por outro, negação, isto é, se um sujeito constitui-se a partir de uma ou mais identidades, ele, conseqüentemente, nega diversas outras. Esse jogo de afirmação e

negação é justamente o que desenvolve cada construção subjetiva em se tratando da esfera identitária.

Tornou-se claro também que a análise dessas construções subjetivas pressupõe que se desconsidere, como objeto de análise, o indivíduo empírico; o que foi estudado neste trabalho, em outras palavras, não se limita à figura de Cora Coralina como pessoa, mas abarca as formações discursivas às quais os sujeitos de seus textos se “filiam”. Nessa perspectiva de análise, desvelou-se um sujeito definido pela heterogeneidade e participante de um intenso processo de movência de sentidos.

Com base nos textos estudados, pode-se traçar, ao menos por meio de alguns apontamentos, aspectos recorrentes no que se refere às construções subjetivas presentes na obra de Cora Coralina:

Primeiramente, todos os textos exprimem, de modo particularmente convergente, a aproximação afetiva do sujeito com a cidade. Esse é um dos pontos fundamentais dos estudos sobre identidade, pois, como foi explicitado, a questão “de onde sou?” define vários fatores em relação à inquietante e atual pergunta “quem sou eu?”. O poema *Minha Cidade* é representativo em relação a esse aspecto, visto que aproxima a cidade e o sujeito inclusive por expressões sintáticas do tipo sujeito (sujeito discursivo) + verbo + predicativo (cidade). Como foi dito, tal poema representa, de modo mais geral, um apanhado de relações que foram propostas no início do artigo. Dele, pôde-se verificar, referindo-se a identidades, aspectos como posição socioeconômica, relação entre sujeito e trabalho na Cidade de Goiás, posição saudosista em relação à época áurea da cidade etc.

Em segundo lugar, tem-se a relação entre sujeito, ideologia, identidade e cidade. Nas análises de *Mutações* e *No gosto do povo*, observou-se outra “faceta” referente ao sujeito discursivo em questão: a posição de crítica em relação à determinada concepção de História. Tais críticas, partindo de certa formação discursiva, estão, no caso estudado, relacionadas à hodonímia, isto é, aos nomes que são dados aos lugares de uma cidade. Toda a discussão realizada suscita que se pense de modo crítico e reflexivo a reconstrução de fatos, a construção da História e, principalmente, a circulação dos discursos. Tais reflexões ganham ainda mais embasamento ao se analisar o poema *Pedras*, como foi feito, tendo em vista a relação entre o sujeito e a memória discursiva que ajuda a constituir os seus enunciados.

Por que, então, esse tipo de crítica supracitado é tão recorrente nos textos de Cora Coralina? É a partir dessa questão que se desvela uma das mais importantes marcas identitárias presentes nos textos analisados: o posicionamento do sujeito em um lugar constante de opressão. Mesmo que não esteja explícita a condição de oprimido em alguns dos

textos, há uma “luta” discursiva no sentido de desmistificar o que vem de uma suposta “ideologia dominante” e instaurar algo que, para tal sujeito, é “essencial” na cidade ou, pelo menos, aquilo que está de acordo com “o gosto do povo”.

Assim, ao estudarmos as identidades contemporâneas que perpassam os sujeitos discursivos, é de fundamental importância a consideração do elemento cidade/ local, visto que reúne um conjunto significativo de materialidades linguísticas que dão suporte aos diversos discursos com os quais o sujeito se relaciona, evidenciando o modo como o sujeito representa determinada cidade em seus enunciados, qual o seu nível de aproximação com os elementos culturais e identitários dessa cidade e, por fim, de que modo gerencia-se a perspectiva discursiva do sujeito com relação à História da cidade/ do espaço que representa em seus enunciados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- CORALINA, Cora. *Melhores poemas*. 2 ed. São Paulo: Global, 2004.
- CORALINA, Cora. *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*. 20 ed. São Paulo: Global, 2001.
- CORALINA, Cora. *Villa Boa de Goyaz*. 2 ed. São Paulo: Global, 2003.
- FERNANDES, Cleudemar Alves. *Análise do Discurso: reflexões introdutórias*. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2005.
- FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do Saber*. 6 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.
- FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: *Ditos e Escritos V: Ética, Sexualidade, Política*. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- FOUCAULT, Michel. *As técnicas de si*. Disponível em: <http://www.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault/>. Acesso em 22/05/2009.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: o cuidado de si*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: o uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.
- FOUCAULT, Michel. O que é um autor? In: *Ditos e Escritos III: Estética; Literatura e Pintura, Música e Cinema*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.
- FUNES, Eurípedes Antônio. *Goiás 1800-1850: um período de transição da mineração à agropecuária*. Coleção Teses Universitárias. Goiânia: Editora da Universidade Federal de Goiás, 1986.
- GREGOLIN, M. R. *Identidade: objeto ainda não identificado? Estudos da Linguagem*. Vitória da Conquista: UESB, 2007.
- HALL, Stuart. *A identidade Cultural na Pós-modernidade*. Trad. de Tomaz Tadeu da Silva e Guaciara Lopes Louro. Rio de Janeiro, DP&A Editora, 2000.
- HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades de mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- PÊCHEUX, Michel. *Discurso: Estrutura ou Acontecimento*. Campinas: Pontes, 1997.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e Discurso: Uma crítica à afirmação do óbvio*. 3 ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.

RIBEIRO, Tilza Antunes Ribeiro. Memória e lirismo das pedras e perdas em Cora Coralina. In: DENÓFRIO, Darcy França e CAMARGO, Goiandira Ortiz de (Orgs.). *Cora Coralina: celebração da volta*. Goiânia: Cãnone Editorial, 2006.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2000.

<http://letras.terra.com.br/racionais-mcs/63398/>. Acesso em 12/11/2009.

ANEXOS (TEXTOS SELECIONADOS)

Mutações

Muita rua da cidade
mudou de nome.

Ritintin - mudou de nome.

Chafariz - mudou de nome.

Rua Nova - mudou de nome.

Detraz da Abadia também.

Beco virou travessa.

Outras, nem nome têm.

Rua do Fogo se apagou,
nas vielas não se toca.

Beco da Morte é pecado.

Do Cotovelo é suspeito.

Rua Joaquim Rodrigues

virou 13 de maio,

passou pra Joaquim de Bastos.

Não sei onde vai parar

tanta mudança de nome.

Mudar nome de rua é fácil.

Mudar jeito de rua, não.

Dar calçamento e limpeza

é coisa muito impossível.

Só não mudou nome em Goiás

o Beco da Vila Rica.

Por ser muito pobre e sujo

contrário lhe assenta o nome.

Se há de ser beco do sujo pobre

seja mesmo da Vila Rica

com toda sua pobreza.

No gosto do povo

Em Goiás tudo é velho: as casas, os telhados, as igrejas, os muros, as ruas e os becos. O calçamento das ruas, o velho chafariz, esse então é o monstro sagrado. Dito pitorescamente, Chafariz de Cauda.

O Museu criado com cem anos de atraso, quando os de fora, compradores de antiguidades tinham já vasculhado as casas e levado para longe seu melhor conteúdo em peças de mobília, santos e oratórios, almofadados de portas e uns famigerados

cabidos mancebo. Muita prata portuguesa, louças importadas, faqueiros e castiçais de prata dourada, relógios antigos e todo um pesado artefato de cobre batido.

Passaram pela sede do governo, Presidentes e Governadores, políticos e militares, homens cultos, formados e viajados. Oligarcas e democratas oligarquias e nenhum se lembrou, jamais, de criar um Museu para proteger e resguardar o acervo valioso da cidade. Este que aí está, dito Museu das Bandeiras, não consta de nenhum decreto de sua fundação, batizado pelo povo sem chancela oficial. Adaptada a antiga cadeia para resguardar o valioso acervo do Estado que estava amontoado e se perdendo sem proteção como muito se perdeu e uma parte se salvou. Hoje Museu das Bandeiras na voz popular, sem verbas para aquisição de peças, pobre mas valioso pelo documentário secular do que ficou.

O calçamento da cidade tem promessa de uma breve restauração, ressaltada do bloquete, esta parte central, resguardada pelo tombamento que vai sistematicamente conservando e procurando manter em coesão a área central na fidelidade do seu barroco pobre e já bem mutilado.

Muito mais está programado pela Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Lembraria aqui a sábia conveniência de voltarem ruas e largos a sua antiga denominação tão original e saborosa. Para exemplo temos o Larginho do Retemtem, marcado numa placa azul, pretensiosamente - Praça Pinheiro Machado. Também aos becos faltam placas com os devidos nomes, enquanto que por um malabarismo verbal viram travessa como se a palavra beco tivesse conotação menos gramatical e honesta. Para bom exemplo temos na Bahia, sua capital, conservando velhas denominações como Baixa do Sapateiro, Água dos Meninos, rua dos Inforcados, que lá está vigilante seu grande defensor, Jorge Amado. E que diremos de encontrar em Belém do Pará um mercado Central cujo nome saboroso, Ver o Peso, é conhecido no país inteiro!...

Assim, proponho como reverência do passado que nesta cidade de Goiás seja emanado de quem de direito um decreto a favor do nome Goiás

ser ajustado à cidade na sua grafia antiga de Goyaz com Y e com Z e mais que o beco volte a ser beco na placa indicativa e largo deixe de ser praça e volte aos seus nomes de tradição no gosto do povo.

Pedras

Os morros cantam para meus sentidos
a música dos vegetais
que se movem ao vento.

As pedras imóveis me enviam
uma benção ancestral.
Debaixo de minha janela
se estende a pedra-mãe.

Que mãos calejadas
e imensas mãos sofridas de escravos
a teriam posto ali,
para sempre?

Pedras sagradas da minha cidade,
nossa íntima comunicação.
Lavada pelas chuvas,
queimada pelo sol,
bela laje velhíssima e morena.

Eu a desejaria sobre meu túmulo
e no silêncio da morte,
você, uma pedra viva, e eu,
teríamos uma fala
do começo das eras.

Minha cidade

Goiás, minha cidade...
Eu sou aquela amorosa
de tuas ruas estreitas,
curtas,
indecisas,
entrando,
saindo
uma das outras.
Eu sou aquela menina feia da ponte da Lapa.
Eu sou Aninha.

Eu sou aquela mulher
que ficou velha,
esquecida,
nos teus larguinhos e nos teus becos tristes,
contando estórias,
fazendo adivinhação.
Cantando teu passado.
Cantando teu futuro.

Eu vivo nas tuas igrejas
e sobrados
e telhados
e paredes.

Eu sou aquele teu velho muro
verde de avencas
onde se debruça
um antigo jasmineiro,
cheiroso
na ruinha pobre e suja.

Eu sou estas casas
encostadas
cochichando umas com as outras,
Eu sou a ramada
dessas árvores,
sem nome e sem valia,
sem flores e sem frutos,
de que gostam
a gente cansada e os pássaros vadios.

Eu sou o caule
dessas trepadeiras sem classe,
nascidas na frincha das pedras
Bravias.
Renitentes.
Indomáveis.
Cortadas.
Maltratadas.
Pisadas.
E renascendo.

Eu sou a dureza desses morros,
revestidos,
enflorados,
lascados a machado,
lanhados, lacerados.
Queimados pelo fogo.
Pastados.
Calcinados
e renascidos.
Minha vida,
meus sentidos,
minha estética,
todas as vibrações
de minha sensibilidade de mulher,
têm, aqui, suas raízes.

Eu sou a menina feia
da ponte da Lapa.
Eu sou Aninha.